

## **REGINA LEITE GARCIA POR ELA MESMA: NARRATIVAS QUE PRODUZEM REDES DE APRENDIZAGENS, AFETOS E SENSIBILIDADES**

CONCEIÇÃO SOARES\*

NILDA ALVES\*\*

Foi em uma tarde como tantas outras que recebemos para uma conversa, na sala 12.038, do bloco F, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a professora e pesquisadora Regina Leite Garcia. A iniciativa foi de uma de nós, Nilda Alves, amiga e parceira intelectual de Regina há muitos anos. O propósito era realizar uma entrevista visando à produção de um vídeo em homenagem à professora convidada para ser apresentado por ocasião do recebimento do título, a ela concedido, de Professora Emérita na Universidade Federal Fluminense, em fevereiro de 2011.

Tudo foi preparado com bastante antecedência para a gravação da entrevista pela equipe do Laboratório Educação e Imagem<sup>1</sup>. Os bolsistas do Laboratório à época se encarregaram de todo o processo de produção, transformando nossa sala preferida no

---

\* Professora Adjunta da Faculdade de Educação e do programa de pós-graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Pesquisadora da linha de pesquisa “Cotidianos, redes educativas e processos culturais” e do Laboratório Educação e Imagem. Coordenadora do GRPESQ Currículos, narrativas audiovisuais e diferença.

\*\* Possui licenciatura e bacharelado em Geografia pela Universidade do Brasil (1965) e licenciatura em Pedagogia pela Universidade Santa Úrsula (1975). Possui doutorado em Ciências da Educação, pela Université de Paris V (René Descartes) (1980) e fez o pós-doutorado no INRP (1989). Atualmente, é professora titular da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), atuando na graduação e na pós-graduação (ProPEd; <http://www.proped.pro.br>), onde coordena o Laboratório Educação e Imagem (<http://www.lab-eduimagem.pro.br>).

<sup>1</sup> O Laboratório Educação e Imagem é coordenado por Nilda Alves e vinculado ao programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd da UERJ, reunindo pesquisadores de várias instituições que trabalham com imagens em suas pesquisas sobre educação.

“doze”, onde estamos habituados e gostamos de dar aulas, em um estúdio de TV: cenário com flores na mesa, câmeras nos tripés, equipamentos fotográficos, iluminação e muita ação.

Se uma de nós, Nilda Alves, já era experiente e com uma trajetória consolidada no campo das pesquisas em Educação, tendo produzido em parceria com a entrevistada muitos artigos e livros, a outra, Conceição Soares, era praticamente uma novata nessa área, embora tenha entrado em contato com a produção acadêmica de ambas durante o mestrado e o doutorado cursados no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Recém-chegada de Vitória, onde trabalhou por muitos anos no campo da Comunicação Social, foi para a UERJ fazer um pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED), sob a supervisão de Nilda Alves. Por conta dessa condição, até começar a gravação, imaginava que estaria atrás das câmeras, ajudando a coordenar o trabalho da equipe. Contudo, levada por sua supervisora, viu-se diante das câmeras, totalmente absorta e envolvida na conversa protagonizada pelas duas educadoras.



*Conceição Soares, Nilda Alves e Regina Leite Garcia durante gravação de uma conversa na UERJ. Esta e quase todas as outras fotos apresentadas nesse texto foram tiradas do vídeo produzido, com exceção das fotos de escola.*

Redes de conhecimentos, aprendizagens, afetos e sensibilidades, impossíveis de serem capturadas e traduzidas, foram engendradas naquela tarde, com aquela conversa, impactando toda a equipe. Uma multiplicidade de problemáticas, experiências, sentimentos, emoções, lembranças, identificações, questionamentos e fabulações possíveis, foi suscitada e pensada com as narrativas de Regina.

Entre as muitas coisas que aprendemos naquele dia, talvez, possamos destacar que, em determinadas ocasiões, o mais importante a se fazer é ouvir, ouvir, ouvir, deixando que as palavras, as histórias, os acontecimentos, a melodia da voz e os movimentos do corpo nos embalem e tomem conta de nós.

Impossível também, nessa conversa com Regina Leite Garcia, foi deixar de sentir e pensar a força enorme que ela produziu e o modo como produziu a si própria em meio à experiência de habitar um *espaçotempo* reservado ao que é definido como feminino em um mundo que vem sendo, há milênios, organizado por valores, interesses, crenças e perspectivas forjadas com/pelos modelos das masculinidades hegemônicas e com/por todos aqueles que os encarnam.

Uma boa imagem para se pensar/sentir esse movimento de autocriação ela nos forneceu, ao contar como momentos decisivos, relevantes, prazerosos e felizes de sua vida estavam associados ao desejo de corresponder às expectativas do pai, “amantíssimo e autoritaríssimo”, já que “o amor dele vinha com muita exigência”. Na ambiguidade e na tensão entre essas posturas paradoxais, ela se inventou, se fez pianista, se fez professora, se fez pesquisadora, se fez escritora, se fez guerreira, se fez uma mulher de fibra.

Foram horas de conversas, na verdade, foi uma tarde inteira. Com o material gravado, foi produzido um vídeo de 18 minutos de duração, editado pelos bolsistas<sup>2</sup> do Laboratório. Foi deste vídeo, com todas as falas editadas e as perguntas cortadas, que tiramos as narrativas de Regina Leite Garcia, produzidas com a entrevista que trouxemos para esse dossiê. O conteúdo engendrado com essa produção é praticamente inédito, pois apenas as pessoas presentes na ocasião da homenagem assistiram a ele.

---

<sup>2</sup> A equipe era constituída por Aline Caetano, Alessandra Nunes Calda, Claudia Chagas, Geovana Marques, Isabel Machado, Luiz Dias, Perseu Silva, Raquel Davi, Rebeca Brandão, Simone Costa e Thais Barcelos.

Interessante pensar ainda, com esse trabalho, como a memória, assim como todas as narrativas do vivido, se produz com restos, cacos e rastros da experiência, com a ajuda de diferentes suportes (vídeos, fotografias, palavras, objetos pessoais, cheiros, sabores, sons, corpos, gestos, etc.), que a ressignificam diante de demandas, ocasiões e contingências da vida.

Para melhor apresentação das memórias e invenções protagonizadas por Regina, organizamos as narrativas, mais ou menos como no vídeo, por temas e problematizações. O que se segue, portanto, são fragmentos da história de vida dessa professora e pesquisadora, conforme ela própria nos narrou.

**“Minhas recordações de afeto,  
de abraçar, de beijar,  
vêm do meu pai”**

Nascida no dia 20 de abril de 1930. Meus avós eram italianos. Os italianos quando vinham para o Brasil, assim como os alemães, traziam sempre um professor para preservar a cultura. Meu avô foi um desses. Talvez aí esteja o fio da minha escolha por ser professora. Então, eu lembro bem de uma foto, onde estava escrito assim, “Escola Italiana Dante Alighieri”. Meu avô, italianinho, no centro, os professores e os alunos. Era aquela foto que a Nilda iria adorar. Eu não sei mais onde anda, mas enfim...

Quando a minha mãe nasceu, a minha avó morreu. Minha mãe foi a primeira a nascer no Brasil, mas eles já traziam uma filharada. Minhas recordações de afeto, de pegar, de abraçar, de beijar, vêm do meu pai, porque ele era meloso. Era aquele amor que se manifesta com o tato, com a boca, com palavras. A minha mãe era aquela “mama” italiana, que se doava. O meu pai era descendente de portugueses, tanto do lado da mãe como do lado do pai. Esses são os dois ramos da minha família.

**“às vezes a gente matava aula  
e ia para o cinema. Naquele tempo  
tinha filme em série. Perder era  
impensável, então a gente ia”**



Eu fui para o Colégio Mallet Soares<sup>3</sup>, eu morava em Copacabana, onde eu era a menor da turma. E uma coisa que acontecia e, para mim, nunca foi explicado, era porque, de vez em quando, a diretora Dona Estefânia, me levava nas salas para dizer que eu era uma boa aluna. Eu não me achava uma boa aluna. Eu não era estudiosa. Aquilo não era importantíssimo para mim. Mas eu tenho algumas recordações do colégio. Por exemplo, me lembro que a gente formava todo dia quando chegava e que uma vez eu vi Dona Estefânia expulsar um aluno. Foi uma coisa que me bateu tão mal. Foi horrível. Ela o expulsou na frente de todo mundo.

---

<sup>3</sup> Mallet Soares é um tradicional colégio do Rio de Janeiro fundado em 1925. O colégio possuiu uma página na internet, por meio da qual os interessados podem conhecer sua história, filosofia, projetos e instalações. Disponível em: <http://www.malletsoares.com.br/>.



*Foto do arquivo pessoal de Regina Leite Garcia.*

Eu lembro, também, que, em Copacabana, tinha um cinema, que se chamava Cinema Americano, e que, depois, ao lado, surgiu o Metro Copacabana e que, às vezes, a gente matava aula e ia para o cinema. Naquele tempo, tinha filme em série. Perder era impensável, então a gente ia. Mas eu me lembro, pra você ver como Copacabana era um negocinho assim feito um vilarejo, eu me lembro da Dona Estefânia entrar no cinema, mandar acender a luz, tocar o apito e mandar todo mundo voltar para o colégio. Eu me lembro disso, uma coisa incrível.

**“a única profissão que uma mulher pode ter  
é ser professora e a única coisa  
que um pai  
pode dar para uma filha é uma boa educação,  
então, você vai para o Instituto de Educação”**

Eu fiz o primário todo lá, depois, o primeiro ginásial, o segundo ginásial; pulei o admissão, até o dia em que meu pai resolveu, foi ele quem resolveu, não fui eu, eu nunca pensei em ser professora. Eu estudava piano, eu pintava, eu dançava, mas eu nunca tinha pensado em ser professora. Então, meu pai chegou e falou assim: “a única profissão que uma mulher pode ter é ser professora, porque lida com criança, e a única coisa que um pai pode dar para uma filha é uma boa educação, então você vai para o Instituto de Educação”. O que eu nem sabia o que era.

Eu chorei muito, eu fiquei com muita raiva daquilo. Eu estava acostumada com meus colegas, estava acostumada com meu colégio, acostumada a ir à praia depois do colégio e acostumada com outras coisas. Chorei muito, mas não adiantou nada, porque ele era aquele pai amantíssimo e autoritaríssimo. O amor dele vinha com muita exigência.



Eu chorei muito, fiz a tal da prova, não passei, e aí eu vi como ele era importante para mim. Pela primeira vez, fiquei de segunda época no exame do Instituto de Educação, e aí tive que passar. Não porque eu não quisesse ir para lá, mas porque eu não podia arriscar perder o amor do meu pai. Eu entrei, fiz os oito anos do Instituto de Educação e me formei professora.

Nesse meio tempo, eu estudava piano, mas queria era jogar voleibol. No entanto, a minha professora dizia que eu tinha muito talento, queria que eu fosse concertista. Eu gostava muito quando tinha audição, tinha um prazer enorme, e aí você vê o meu narcisismo. Eu adorava. Como eu tocava bem, era muito aplaudida e o meu pai ficava muito orgulhoso de mim, então, eu gostava muito. Mas, em carreira, não pensava.

**“Eu aprendi matemática com meu pai.  
Ele me ensinou que a gente vivia  
cercado por números e formas geométricas”**





Eu aprendi matemática com meu pai, porque os professores de matemática do Instituto de Educação, que eram todos titulares e iam de terno e gravata, com pompa e circunstância, davam aula no quadro negro e aprendia quem pudesse, quem não pudesse que se danasse. Meu pai era absolutamente inconformado de eu dizer que não gostava de matemática, então, quem me ensinou matemática foi ele. Ele me ensinou que a gente vivia cercado por números e formas geométricas.

Eu fui aprender a gostar de estudar já no fim do curso normal. Essa coisa de falar assim, quando eu era criança eu pegava os livros e lia, eu não tinha nada disso. Essa não era a minha vida, não era disso que eu gostava. Eu comecei a gostar de ler, talvez, com Eça de Queirós, para você ver como foi tarde isso. Eu comecei a ter prazer de ler pela literatura e não no estudo. Isso eu fui descobrir muito mais tarde.

**“Primeiro dia de aula. Eu me deparei  
com aqueles alunos e eu pensei:  
e agora, o que eu faço?”**

Naquele tempo, era assim, você se formava no Instituto de Educação e, por classificação, você escolhia a escola para onde iria. Eu fui para o Mendanha. Por que eu escolhi o Mendanha, em Campo Grande<sup>4</sup>? Porque éramos três amigas e queríamos ficar juntas. Nós tínhamos boa classificação, mas queríamos ficar juntas.

Primeiro dia de aula. Eu me deparei com aqueles alunos, e é por isso que eu entendo tanto as professoras, eu olhei para aquilo e pensei: e agora, o que eu faço? Nada do que eu tinha aprendido eu achava que dava conta de enfrentar trinta alunos sem saber o que fazer. E, como naquela primeira escola em que eu trabalhei a diretora já estava com o pé do lado de fora, porque ela ia se aposentar, ela quase não aparecia na escola.

Com o tempo, fui descobrindo o prazer de ensinar, descobrindo a importância da coisa do ensinar e do aprender da escola.

---

<sup>4</sup> Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Foi começando a trabalhar o que fui aprendendo, mas não logo que comecei. No começo, nem eu nem as minhas colegas sabíamos o que fazer e tínhamos essa diretora que mal aparecia na escola. Aí eu fui descobrindo na relação com os meus alunos que eu gostava deles. A primeira coisa que eu descobri foi essa. Eles eram filhos de pequenos agricultores, lá era zona rural, e nós voltávamos para casa com sacos de legumes, de frutas, de ovos, de galinha. Eu chegava em casa com aquele negócio todo e meu pai achava o máximo. Então eu comecei a trazer meus alunos para casa, para passar o fim de semana lá em casa.

Eu tenho muitas recordações. O Zé, eu trago o Zé e o levo na loja Sears, que tinha acabado de inaugurar e que tinha uma escada rolante, pela primeira vez no Rio. Eu levo o Zé para ver a escada rolante. Ele bota o pé, com uma cara assustadíssima, e vamos subindo, subindo, subindo. Quando chega lá em cima, eu pergunto: Zé, o que você achou? Ele responde: tem uma igualzinha em Campo Grande.

Eu trabalhei por dois anos nessa escola, aprendendo muito pouco sobre ser professora, mas encantada com meus alunos. Até ali eu aprendi pouco.

**“Foi ali que eu aprendi que é no coletivo  
que a gente aprende, que a gente produz  
conhecimentos, que a gente cresce.”**



A segunda escola em que fui trabalhar foi muito importante na minha vida, para as escolhas que eu fiz daí pra frente, a Penha Circular<sup>5</sup>. Era uma escola de classe média, que hoje seria uma classe média baixa, a qual, para os pais, a escola tem muito valor. Havia um grupo de professoras, antigas e experientes, e naquela escola havia reunião pedagógica. Eu defendo, com todas as forças que eu tenho, a importância da reunião pedagógica. Não acredito em uma boa escola que não tenha reunião pedagógica. Porque foi ali que eu comecei a ser professora. Foi ali que eu comecei a aprender a importância de ser professora. Foi ali que eu aprendi que é no coletivo que a gente aprende, que a gente produz conhecimentos, que a gente cresce.

A gente fazia reuniões pedagógicas e, como tinha esse grupo de professoras muito experientes e generosas, isso estimulava as mais jovens e menos experientes a levarem suas dúvidas. Nós levávamos um problema e elas iam puxando das suas experiências situações que nos ajudavam a ter ideias a partir do que elas diziam.

---

<sup>5</sup> Esse bairro fica na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

**“Foi ali que eu descobri o prazer de ensinar,  
que eu me percebi como potencialmente  
uma professora criadora.”**

E isso foi efetivamente acontecendo. Daquela relação, surgiam ideias de como ensinar melhor para que os alunos aprendessem. Eu fui descobrindo que uma criança aprende a ler e a escrever não por causa de uma cartilha ou porque eu comecei a ensinar as vogais e as sílabas. Mas, a partir do que eles traziam, a gente ia começando a escrever e eles te iam organizando frases. Vinha o prazer da descoberta, o prazer do “eu já sei”. Assim, o prazer do “já aprendi” vai se instalando na sala de aula e isso vai te estimulando a fazer mais, a provocar mais, a convidar mais, a esse processo de criação. Foi ali que eu descobri o prazer de ensinar, que eu me percebi como potencialmente uma professora criadora.



Eu não acho que a criação é alguma coisa que você leva de baixo do braço. Tem alguma coisa no contexto que te estimula e faz com que vá emergindo alguma coisa que você nem tinha ideia. Eu sabia que eu desenhava bem. Eu sabia que eu tocava piano bem. Mas eu não sabia que podia ser uma boa professora.

Com essa frase, encerramos o vídeo e a nossa conversa com Regina. Por enquanto, ficamos por aqui. Temos muitas horas de gravação que não ainda foram editadas e precisam ser resgatadas em meio ao turbilhão de arquivos que armazenamos em nossos computadores.

O que apresentamos neste texto são apenas alguns fragmentos da história de vida e dos *saberesfazeres* pedagógicos produzidos ao longo do tempo pela professora e educadora Regina Leite Garcia nos/com os cotidianos das escolas que frequentou e trabalhou e nas/com as narrativas que teceu para reinventá-los e compartilhá-los conosco.

São também fragmentos das memórias e histórias que tecemos com/sobre ela, escritas, fotografadas, faladas, gravadas em vídeo, recortadas, editadas, partilhadas e guardadas em um DVD, uma revista e em nossos corações.

**EDITORA E GRÁFICA DA FURG**  
**CAMPUS CARREIROS**  
**CEP 96203 900**  
editora@furg.br